



Workshop com Doug Goodkin na Universidade de Caxias do Sul.

**Cresce o número de participantes em todo o Brasil.
Todos em busca de mais conhecimento e vivências
sobre a abordagem Orff-Schulwerk**

▶ Na página 4

Ano de muita ação



Em 2012, a ABRAORFF realizou diversas oficinas e atividades ligadas à música e ao movimento

▶ Na página 3

Música para todos



Como fazer uma eficiente política de inclusão nas escolas por meio do aprendizado dos sons

▶ Na página 6

Memórias auditivas



As melodias que escutamos desde a infância delimitam parte do que somos hoje

▶ Na página 7

Editorial

“Estamos em obras”, “Homens trabalhando”, “Queira desculpar o transtorno, estamos em reforma para melhor servir” - estas palavras, tão comumente colocadas em cartazes ou placas pelas ruas, praças e avenidas, poderiam estar afixadas nas portas das salas de aula sem causar sobressaltos.

A Educação Musical está sendo pensada, construída e reformada desde que o Homem percebeu o som, passando a utilizá-lo como meio de comunicação e expressão. Nós, músicos, pesquisadores, educadores musicais, contribuimos como operários, moldando ou assentando ideias e técnicas nesta imensa construção.

Em 2012, aqui em nosso canteiro de obras, recebemos a colaboração de renomados “pedreiros”, “mestres-de-obras”, “engenheiros” que vindos de regiões distantes, tanto do Brasil como do exterior, traziam somente uma preocupação: injetar conhecimento, ajudando a erguer a nossa “edificação”.

Agradecemos a todos porque nunca é demais saber mais um pouco.



Oficina ABRAORFF



Jornal da ABRAORFF

Ano 7 Edição nº 7 Dezembro 2012
Jornal da ABRAORFF é uma publicação anual da Associação Orff Brasil.

Presidente:

[Décio Luiz Berni](#)

Coordenação Geral:

[Gabriela Vasconcelos Abdalla](#)

Coordenação Editorial:

[Vera Lúcia Rangel](#)

Design e produção gráfica:

[Marcelo Marcondes Marin](#)

Fotografias:

[Arquivo ABRAORFF e CSA](#)

Impressão:

[Vierfarben Serviços Gráficos Ltda.](#)

Website:

www.abraorff.org.br

Apoio:

[Colégio Santo Américo](#)

Tiragem:

1000 exemplares

E-mail:

inf@abraorff.org.br

Proibida a reprodução total e/ou parcial desta publicação.
As matérias publicadas nesta edição são de responsabilidade total da Associação Orff Brasil.

ABRAORFF DIRETORIA 2012 - 2014

Presidente:

Décio Luiz Berni

Vice-presidente:

Gabriela Vasconcelos Abdalla

1ª Tesoureira:

Mayumi Takai

2ª Tesoureira:

Thiago Abdalla

1ª Secretária:

Patrícia Siomi Cavicchioli

2ª Secretária:

Isabel Cristina Dias Bertevelli

ERRATA:

Jornal da ABRAORFF - nº 6 (Dez/2011) página 7 - Em Abril, aconteceu a oficina “O Som da História”, com o músico e professor do Colégio Santo Américo e EMIA (Escola Municipal de Iniciação Artística), **WILSON DIAS**.



Este jornal foi impresso em papel reciclado

Histórico ABRAORFF 2012

UM ANO REPLETO DE ATIVIDADES

Em 2012, a ABRAORFF – Associação Orff Brasil – demonstrou mais uma vez a importância de seu papel no universo musical de nosso país

Diversidade cultural e originalidade são conceitos que fazem parte da história da ABRAORFF. A cada ano, nossa Associação organiza ações com representantes do universo musical que contribuem para a evolução da arte de uma forma criativa. Isso significa integrar setores, buscar ritmos novos, apresentar manifestações de outros países, valorizar iniciativas inusitadas e, acima de tudo, propiciar o desenvolvimento de talentos desde a infância. Na ABRAORFF, a música e o movimento são um instrumento fundamental de descoberta do mundo, de comunicação e de expressão. Por isso, em 2012, nossa agenda contemplou diversas oficinas e atividades.

Em janeiro, promovemos a Oficina “Body Music” com o percussionista, “ritmista do movimento” e educador Keith Terry (EUA), na qual foram explorados movimentos rítmicos corporais. Em fevereiro, tivemos a ilustre presença da austríaca Barbara Haselbach, presidente do Fórum Internacional Orff-Schulwerk, com a Oficina “Arte Integrada”. O evento explorou a integração das artes, promovendo um rico diálogo entre a música, a dança e as artes visuais. Vale lembrar que Barbara Haselbach esteve no Brasil no início de 2011, quando concedeu uma entrevista para nosso informativo. Em Abril, foi a vez de contarmos



Grupo de estudos em São Paulo

com o talento da espanhola Fátima Moreno, especialista em Dança Criativa/Educativa na sala de aula. Este é um conceito duplo, que visa atender as necessidades dos professores interessados em educar através da música, dança e arte em geral. Durante a oficina foram trabalhadas propostas didáticas de movimento corporal aplicadas às aulas de “Música e Movimento”.

No mês seguinte, dando continuidade aos encontros da ABRAORFF, apresentamos a oficina do bailarino, coreógrafo, ator e arte-educador Rubens Oliveira. Intitulada Gumboot Dance, possibilitou ao aluno vivenciar a complexidade rítmica e gestual do Gumboot Dance, uma expressão artística nascida na África do Sul durante o século XIX, marcada por movimentos vibrantes, saltos e sons característicos.



Oficina de Dança Criativa/ Educativa com Fátima Moreno

No segundo semestre, desfrutamos da Oficina “Cantoria”, que apresentou uma visão da atividade vocal como instrumento para o desenvolvimento musical da criança. Ministrada por Gisele Cruz, a oficina mostrou a relação entre a atividade coral e uma prática vocal integrada. Foi uma excelente oportunidade para vivenciar o canto no cotidiano escolar. Durante o ano, também tivemos encontros dos grupos de estudos em São Paulo e Campinas, que reforçaram as ideias e práticas de Orff-Schulwerk. E para encerrar 2012 com chave de ouro, o último encontro foi marcado pela presença de Estevão Marques com sua Oficina Colherim.



Oficina “Body Music” com Keith Terry

GRUPO DE ESTUDOS ORFF-Schulwerk



Grupo de estudos em Campinas com Margareth Darezzo

O desejo de se aprofundar em Orff-Schulwerk que tanto ajuda professores no ensino da Educação Musical estimulou a criação de grupos de estudos em várias regiões brasileiras. Além da capital paulistana, temos fortes representantes em Natal, no Rio Grande do Norte e em Campinas, no interior paulista. Em algumas cidades, como Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, foram promovidas ainda vivências especiais. É o caso do curso *Tocar, Dançar e Cantar*: uma introdução ao Orff-Schulwerk, realizado na UCS (Universidade de Caxias do Sul). Conheça a seguir mais detalhes sobre os grupos de estudo em cada local. Eles poderão inspirá-lo a reunir pessoas com interesse no cenário musical e formar o seu próprio grupo de Estudos Orff-Schulwerk. A experiência, será muito rica para todos os participantes. Aposte nesta ideia em 2013!

DIRETO DO NORDESTE

Na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, 28 participantes se aprofundam nas idéias de Carl Orff, por meio de atividades artísticas e da reflexão

Por Maristela Mosca

O Grupo de Estudos Orff Natal teve início em maio de 2011, como um Projeto de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ UFRN. Com atividades mensais, o grupo pretende divulgar as ideias pedagógicas de Carl Orff, a partir da vivência musical, por meio da expressão vocal, instrumental e corporal. Com 28 participantes – estudantes de música, professores de música, professores polivalentes (Educação Infantil e Ensino Fundamental), professores de Ensino Médio e Superior e terapeutas – o grupo tem como eixo de trabalho a música, o movimento e a palavra. A ideia é tornar-se um espaço de socialização do fazer artístico na escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, por meio da ação e da reflexão. Assim, as ideias de Carl Orff são experimentadas para que a musicalidade do professor seja despertada para a vivência musical. Outro objetivo é fazer com que ele aprofunde seus conhecimentos sobre a abordagem Orff-Schulwerk de Educação Musical. Ao vivenciarmos sequências didáticas para as aulas de música na Escola de Educação Básica, procuramos também fazer relações com os autores que se debruçam na sistematização teórica das ideias pedagógicas de Carl Orff. No ano de 2012 iniciamos mais um grupo de estudos, com 29 profes-

soras de um Centro Municipal de Educação Infantil/CEMEI, na cidade de Bom Jesus/RN, que tem como objetivo a formação musical de professoras da Educação Infantil. Pela relevância da linguagem musical e sua importância no cotidiano escolar, as professoras podem, a partir de nossos encontros quinzenais de estudos, (re)significar seus códigos e signos, bem como compartilhar maneiras de ensinar e aprender música.

NA CAPITAL PAULISTANA

Os temas dos encontros em São Paulo vão da elaboração de arranjos à adaptação de guias práticos, passando por atividades realizadas em cursos anteriores

Por ABRAORFF

Grupos de estudos, em geral, são excelentes para adquirir novos conhecimentos, trocar experiências e, acima de tudo, propiciar um maior desenvolvimento pessoal. O grupo de estudos Orff-Schulwerk, em São Paulo, não foge à regra. O primeiro passo neste sentido aconteceu em 1998, antes mesmo da fundação Associação Orff do Brasil – Música e Movimento na Educação (ABRAORFF). Neste ano, o Colégio Santo Américo, na capital paulistana, promoveu o I Curso de Férias Orff-Schulwerk no Brasil. Em 2001 e 2003, ocorreram novas e inspiradoras versões do evento, com o apoio da Fundação Orff de Munique, na Alemanha, e com a orientação de Verena Marschat, professora e conselheira da ABRAORFF. Desde então, os participantes dos cursos deram início ao grupo de estudos Orff-Schulwerk, em São Paulo. Os encontros iniciais foram realizados aos domingos, por uma turma pequena, porém bastante dedicada e assídua. Graças ao empenho dos participantes, em 2004, o grupo se consolidou como Associação Orff Brasil (ABRAORFF). Desde então, ganhou adeptos e participantes que compartilham mensalmente momentos prazerosos por meio da Música e do Movimento.

Durante todos esses anos, os grupos de estudos, em São Paulo, tiveram diversos formatos e tipos

▶ Cresce cada vez mais o número de participantes em busca de conhecimento sobre o universo Orff-Shulwerk

de conteúdo. Em alguns encontros, a proposta era relembrar atividades feitas em cursos anteriores e compartilhar experiências desenvolvidas em sala de aula. Em outros, o foco era a elaboração de arranjos, estudos sobre os 5 Volumes do Música para Crianças e adaptação do Guia Prático de Villa-Lobos para o instrumental Orff. A iniciativa foi tão bem sucedida que os Grupos de Estudos acontecem até hoje em São Paulo e em outras cidades. Para facilitar a troca de informações e experiências, o ideal é que sejam criados grupos regionais em cada Estado do Brasil. Afinal, por meio da expressão vocal, instrumental e corporal, eles ajudam a divulgar as idéias pedagógicas dos compositores alemães Carl Orff e Gunild Keetman.



Curso com Doug Goodkin em Caxias do Sul

NO INTERIOR PAULISTA

A primeira iniciativa aconteceu em Campinas com o objetivo de estender a pedagogia para outras cidades do Estado

Por Renata de Oliveira Frederico*

No ano de 2009, cinco professoras de educação musical da cidade de Campinas, em São Paulo, promoveram o primeiro encontro de um novo grupo de estudos, tomando como base as mesmas idéias dos participantes da ABRAORFF de São Paulo. A proposta era ampliar o alcance da associação e também promover um espaço de estudos em uma cidade do interior do Estado. Como já acontecia na capital, foi feita uma parceria com a Escola de Artes Pró-Música. Além de sediar o grupo, sua equipe ofereceu total apoio para que a ideia inicial fosse mantida pelas professoras.

Já se passaram três anos e o grupo continua atuante em Campinas e na região, conquistou o apoio de docentes da UNICAMP e da UNIMEP, de novos professores e de alunos. Todos participam com a intenção de ampliar o conhecimento sobre a educação musical, refletir estratégias para aulas e também conhecer um pouco mais sobre o trabalho realizado pelo compositor alemão Carl Orff.

Neste período, além dos encontros mensais, o grupo promoveu ofici-

nas com profissionais da cidade de Campinas e de São Paulo, abrindo um espaço para que todos pudessem apresentar suas propostas de trabalho para diferentes espaços educacionais. Entre as oficinas, podemos destacar as realizadas pelos professores Silvia Beraldo, Uirá Kuhlmann, Liria Hiroko Inomata, Lidia Ikuta e Margareth Darezzo.

A formação do grupo era um antigo projeto dentro da escola, que somente foi possível com o apoio da ABRAORFF de São Paulo. A associação sempre nos acompanhou e acreditou na possibilidade do grupo estender-se para outros espaços. E a Pró-Música ajudou a consolidar um projeto que hoje tem um espaço garantido na cidade.

No próximo ano, o grupo pretende trazer outros profissionais para realizar oficinas e cursos de pequena duração, além de manter um encontro mensal, dentro de um espaço aberto para trocas e aprendizagens.

** Coordenadora do Grupo ABRAORFF, de Campinas*

ORFF EM CAXIAS DO SUL – RS

De norte ao Sul do Brasil, os encontros Orff ampliam, contemplam e intensificam a formação de Arte Eucadores

Por Cristiane Ferronato.

Sob a coordenação das professoras Patrícia Porto (coordenadora do Curso de Licenciatura em Música) e Cristiane Ferronato, a Universidade Caxias do Sul – UCS tem sido um ponto de encontro de Educação Musical no Estado do Rio Grande do Sul, com figuras importantes do cenário musical brasileiro como Ari Colares, Lúcia Passos, Agnes Schmeling e Estevão Marques.

Foi com muita satisfação que o Curso de Licenciatura em Música da UCS, em parceria com a ABRAORFF, abriu caminhos para Orff-Schulwerk no Estado do Rio Grande do Sul no mês de dezembro sobre o comando do renomado professor Doug Goodkin de São Francisco (EUA).

Os encontros na UCS ampliam, intensificam, complementam e subsidiam a formação dos alunos do curso de licenciatura, e são abertos a qualquer pessoa interessada em aprofundar seus conhecimentos musicais e artísticos, tendo contato com grandes profissionais da arte-educação.

Em agosto de 2012 os alunos fundaram um grupo de estudos chamado “Trocas”, visando aprofundar conteúdos e atividades experimentadas nos cursos, bem como compartilhar vivências pessoais. Os encontros ocorrem mensalmente no Campus 8 da Universidade de Caxias do Sul.

ORFF na sala de aula inclusiva: uma proposta musical para todos

Por Isabel Cristina Dias Bertevelli

Muito tem se falado sobre o ensino da Música nas escolas, o que ainda tem sido um desafio, aliado à inclusão de pessoas com deficiência nesses espaços. Quando esse aluno chega à escola, os profissionais não sabem como atendê-lo e não têm material para trabalhar com eles. Além disso, nos deparamos com barreiras físicas, ou seja, escolas que não têm estrutura com rampas, guias rebaixadas, piso tátil, indicações em braille, etc, porém, a maior barreira é a atitudinal, em que não se leva em conta a valorização das diferenças e das dificuldades de aprendizagem. Algumas ações são muito simples e podem fazer parte do cotidiano escolar, como a realização de cursos de sensibilização para promover a reflexão, eliminando preconceitos e estereótipos. Sempre é possível estimular a convivência com alunos que tenham as mais diversas características. Um ambiente escolar que não seja preconceituoso melhora a autoestima dos alunos e isto contribui para que eles realmente aprendam de maneira satisfatória, com mais motivação e mais cooperação. Em uma verdadeira inclusão, é a escola que deve ser modificada para receber todos.

A ESCOLA PARA TODOS

Desde a década de 1990 a sociedade vive um grande *boom* em relação às pessoas com deficiência. Muito tem sido discutido com base na ideia de que todas as escolas devem aceitar todos os alunos. A educação inclusiva apresenta a proposta em que os alunos, deficientes ou não, possam estudar na mesma escola e participar das mesmas atividades. A diversidade é valorizada e todos aprendem juntos; é a escola aberta para todos. Segundo STAINBACK (1999), é a diversidade que fortaleça a turma e oferece a todos os alunos (e professores) maiores oportunidades de aprendizagem. Podemos trabalhar com todos, muitas vezes individualmente em sua dificuldade, porém de modo articulado com o grupo, promovendo a inclusão. MANTOAN (2003) ressalta que é necessário ensinar os alunos nas suas diferenças, não diferenciando o ensino para cada um, pois cada educando pode aprender no seu tempo



Instituto Padre Chico

e do seu jeito próprio. Nesse modelo é que se fornecem mecanismos que possibilitem a entrada desses alunos nas salas, pensando tanto no currículo como nas atividades que serão desenvolvidas.

Segundo o CENSO 2010/IBGE, quase 24% da população brasileira tem algum tipo de deficiência, o que já seria um bom motivo para que escolas e sociedade considerem o tema como prioridade. Dessa porcentagem, mais de 6,5 milhões de pessoas têm algum tipo de deficiência visual, atingindo 3,5% da população, sendo que 6.056.654 possuem grande dificuldade permanente de enxergar (baixa visão) e 528.624 são cegos. Esses números são apenas para que tenhamos uma ideia da importância da educação para todos, dentro de uma prática verdadeiramente inclusiva, com momentos diversificados de aprendizagem.

A PEDAGOGIA ORFF E A EDUCAÇÃO MUSICAL PARA TODOS

A aprendizagem musical deve ser caracterizada também por um processo que envolve o convívio e a socialização, aceitando as diferenças e valorizando a diversidade. O desafio é como fazer uso dessas diferenças de modo criativo e inovador. No caso do aluno cego, como trabalhar música e movimento? Um dos caminhos pode estar nas ideias pedagógicas de

ORFF. Em um primeiro momento, o trabalho musical com cegos parece muito simples, pois podemos supor que eles possuem uma faculdade auditiva excepcional, o que é verdade somente em parte. Ele não nasce com um aparato auditivo melhor, porém, a deficiência o obriga a desenvolver uma capacidade muito grande para escutar e todos os caminhos para alcançar esses resultados são valiosos. O aluno cego precisa ser estimulado adequadamente em um processo de musicalização que valorize a escuta, a experimentação e a criação. A audição proporciona ao cego, informações sobre direção e distância, possibilitando uma interação com o ambiente, aliado à percepção tátil, que faz com que ele reconheça e aprenda sobre tudo que o cerca, objetos e instrumentos musicais. Nesse processo, a diferença se concentra na metodologia adotada e na leitura da partitura musical braille, que é utilizada como recurso do processo de educação musical. É necessário que os programas de ensino sejam mais abertos e as metodologias valorizem a diversidade, afinal, nem todo aluno é igual ao outro. Com certeza encontramos alunos que não têm deficiência e que podem ter dificuldades rítmicas, por exemplo, ou dificuldade em outra área específica da Música. Todos os alunos com suas limitações ou simplesmente, características, têm o mesmo direito de aprender e se desenvolver, dentro do seu próprio tempo.

A *Pedagogia ORFF* pode ser considerada democrática e socializadora, pois investe no potencial, nas habilidades e respeita o tempo próprio de cada um; propõe uma vivência musical coletiva, trabalhando cada pessoa em sua manifestação vocal, instrumental e corporal.

MASCHAT (2006) comenta que o aluno “tem que sentir, apalpar, brincar e desfrutar”. (Jornal da ABRAORFF). Ora, se essa prática é boa para todo aluno, é melhor ainda para o aluno cego, que precisa mais do que nunca da vivência, seja ela sonora, musical e tátil. A única dificuldade no trabalho com cegos pode estar na realização de movimentos e de sua própria relação com o corpo e com o espaço. Geralmente eles não têm uma inclinação espontânea para o gesto e o movimento; esses devem ser aprendidos por meio de exercícios, dança e atividades específicas, além da estimulação precoce, desde os primeiros meses de vida, ou seja, de exercícios que possam antecipar e propiciar seu movimento, seu deslocamento e a percepção de si mesmo e de suas possibilidades em relação ao espaço físico. É exatamente nesse ponto que os alunos sem deficiência podem colaborar, com um trabalho coletivo em que todos se ajudam e chegam ao objetivo da tarefa solicitada. Nada mais envolvente, democrático e inclusivo; são atitudes que vão sendo incorporadas no cotidiano da escola. É o que tem acontecido nas aulas de

Música do Instituto de Cegos Padre Chico, escola de Ensino Fundamental que tem atendido desde 2012 alunos com e sem deficiência, em uma prática musical inclusiva que ainda requer atenção.

No trabalho com o aluno cego, os movimentos são descritos pelo professor e são mostrados de duas maneiras, ora fazendo o movimento e o aluno cego aprende colocando sua mão sobre as mãos de quem faz, que pode ser o próprio professor ou um colega, ou conduzimos a mão do cego realizando o movimento junto a ele. Os alunos sem deficiência colaboram com o educador fazendo parte desse aprendizado, como um caminho entre o próprio educador e o que deve ser vivenciado pelo aluno cego. Com certeza todos aprendem música, aprendem a ouvir, a interagir e conviver. MASCHAT comenta sobre a importância do trabalho em grupo e a dimensão social do trabalho de ORFF.

*Cantar, dançar e tocar juntos, es-
cutar ou inventar música em gru-
po cria um clima afetivo de gran-
de eficácia para a aprendizagem.
[...] Aprender a relacionar-se com
o grupo adquiriu um sentido espe-
cial em nossos tempos, em que,
infelizmente, há cada vez menos
atividades que fomentam a socia-
lização do ser humano. (JORNAL
DA ABRAORFF, nº 1, dez. 2006).*
Bibliografia



Música no Instituto Padre Chico

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *O direito à diferença na escola*. Pátio/Revista pedagógica. Ano VII nº 32, nov.2004-jan. 2005. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STAINBACK, S. STAINBACK, W. Tradução: Magda França Lopes. *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ISABEL BERTEVELLI. *Mestre em Arte/Música pelo Instituto de Artes da UNESP. Educadora Musical / Musicografia Braille, Instituto de Cegos Padre Chico e FAC-FITO / Faculdade Instituto Tecnológico de Osasco. Membro da ABRAORFF desde sua fundação.*

Nossos sons

Por Gabriela Vasconcelos Abdalla

*“Um povo que sabe cantar está a
um passo da felicidade.”*
Heitor Villa-Lobos

Sabemos que o homem tem uma necessidade de expressar-se, independente de sua época, modismos ou até mesmo classe social. Tal necessidade é inerente a humanidade desde seus primórdios, em todas as culturas até os dias atuais, como aponta Kater em *Música na Escola* (2012). As características das músicas que escutamos em nosso cotidiano, desde pequenos, delimitam uma parte do nosso ser. Nossas memórias auditivas estão carregadas de afetos, significados e sentidos emocionais, que nos acompanham ao longo de nossas vidas, integrando a nossa identidade sociocultural. Por isso, podemos dizer que a música é algo que está sempre associada à cultura e às tradições de um povo. E ainda que, através da

música, conseguimos despertar emoções profundas e significativas, sentimentos e sensações.

As crianças começam seu contato com os sons já na barriga das mães – os sons dos líquidos do corpo humano e as batidas do coração e a voz da mãe são alguns dos primeiros sons. Já os bebês escutam sons do cotidiano, como: vozes, passos, carros, pássaros, chuva etc. Em relação à música, destacamos as *cantigas de ninar* e *acalantos*, que muitas vezes são cantados pelos familiares mais próximos. A música esta envolta por uma forte carga afetiva. Durante a infância, as melodias, ritmos, cantigas de roda e brincadeiras musicais dão sequência a vida musical da criança. De acordo com a Prof^a. Lydia Hortélio (2006):

A Música da Cultura Infantil é uma música com movimento, aliada à representação e a uma geometria no tempo. É uma música no corpo, próxima ao outro, com o outro, movida pura e simplesmente pela livre von-



Grupo de Estudos em São Paulo

tade de brincar... Sua prática proporciona o exercício espontâneo da música em todas as suas dimensões, mesmo que de forma elementar, e se constitui, por si mesma, a base de

uma educação do sensível e pressuposto fundamental da identidade cultural. A música tradicional da infância representa, em todas as Culturas, a expressão mais sensível da alma de um povo. Assim é, pois, evidente, a necessidade de atentarmos para o cultivo da Música da Cultura Infantil. Através da música e das brincadeiras musicais é despertado nas crianças uma possibilidade de convívio social, da sensibilidade, da capacidade de concentração e da memória, trazendo benefícios ao processo de aprendizagem de cada criança, tornando-a um ser social crítico, autônomo, reflexivo e criativo.

É importante também que se apresente as crianças além das canções, parlendas, rimas, ritmos e melodias, que fazem parte da cultura da Infância músicas do repertório Clássico, Popular e tradicional, criando a possibilidade de um enriquecimento cultural na vivência musical de nossas crianças.

Para tal, podemos utilizar elementos que se integram a processos do ensino de música fazendo com que a criança conheça, aprecie, apreenda, cante, dance, brinque com os sons, explore, improvise e componha a partir dos estímulos oferecidos pela linguagem musical. Deste modo, podemos desenvolver as capacidades de escuta e interpretação, além do conhecimento do repertório, que também contribui com a formação integral da criança.

Isso acontece porque a música é uma linguagem com a qual podemos expressar nossos sentimentos por meio dos sons. Ao trazer uma frase musical ao mundo, o fazemos das mais diversas maneiras: forte/fraco, agudo/grave, curto/longo, legato/staccato, consonante/dissonante, tenso/relaxado, feliz/triste etc. Esta ação gera um enorme prazer estético, pela fruição e pelo próprio jogo: o de conectar dois ou mais sons dentro de um contexto musical (BARENBOIM,

2009). E ainda, com este jogo, nos apropriamos de conceitos e vivências que vão além do universo dos sons – afinando-nos, sincronizando-nos, timbrando-nos e equalizando-nos. Desta forma, adentramos o universo da ética e da cidadania por meio das canções, mesmo que sem palavras.

HORTÉLIO, Lydia. *Música da Cultura Infantil no Brasil.* Disponível em: http://www.casaamarelafestas.com.br/textos/musica_da_cultura_infantil_no_brasil.pdf. 31/10/2012

BARENBOIM, Daniel. *A música desperta o tempo.* São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GABRIELA ABDALLA. *Licenciada em Música. Vice-presidente da ABRAORFF. Educadora musical no Colégio São Luís. Consultora pela UNESCO, na implementação da Matriz Curricular do Eixo de Música na Educação Infantil, da Rede Municipal de São José dos Campos.*

Partitura

▶ A partir do curso ministrado por Verena Maschat em janeiro de 2005, o grupo elaborou algumas composições em forma de cânone.

O que é, o que é?

cânone a 3

Wilson Dias, Luis Fernando Scutari,
Luciane de Moraes, Marina Lombardi,
Mayumi Takai, Daniela Neves,
Zeneide Alves

1. 2.

Voz

Bem que pen-sei em fa-zer um sam-ba, mas con-se-gui só can-tar a

Passos (dir-esq)

Palmas

3.

mar - cha. Que pra vo - cês eu vou mos - trar.